



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na segunda-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na segunda-feira	Últimos	Comercial, venda na segunda-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,42% São Paulo	126.589	R\$ 5,625 (-0,57%)	R\$ 1.412	R\$ 6,089	10,40%	10,43%	Fevereiro/2024 0,83 Março/2024 0,16 Abril/2024 0,38 Maio/2024 0,46 Junho/2024 0,21
0,12% Nova York	24/7 25/7 26/7 29/7	23/julho 24/julho 25/julho 26/julho	5,586 5,656 5,647 5,658				

CONSTRUÇÃO CIVIL

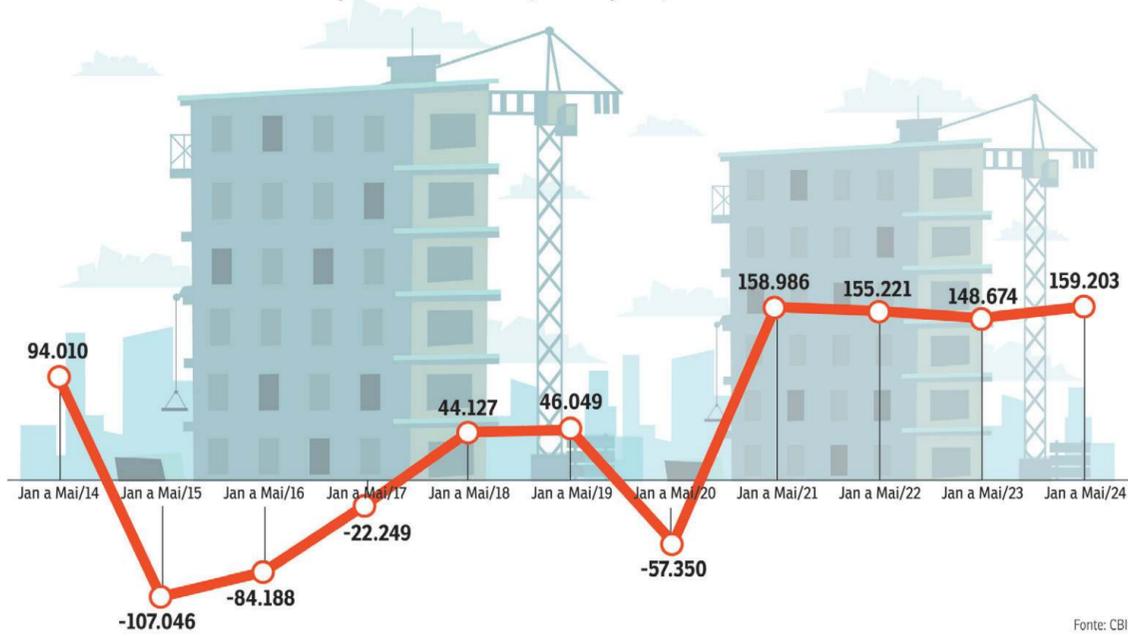
Setor eleva projeção de crescimento este ano

Mercado de trabalho aquecido e novas estimativas de PIB motivaram a revisão. Número de empregados se aproxima de 3 milhões

» FERNANDA STRICKLAND

Crescimento

O mercado de trabalho formal na construção civil está em alta. Veja a evolução de janeiro a maio de cada ano



Dados divulgados ontem pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) mostram o aquecimento do setor da construção civil. Segundo a entidade, de janeiro a maio, o setor gerou 159,2 mil novas vagas de trabalho com carteira assinada, crescimento de 7% em relação ao mesmo período em 2023. Com isso, o setor atingiu, em maio, a marca de 2,9 milhões de pessoas empregadas em todo o país, uma alta de 6,12% em relação ao mesmo mês do ano passado.

As informações do mercado de trabalho contribuíram para a elevação da projeção de crescimento do PIB da construção civil de 2,3% para 3%. Em março, a entidade já havia elevado a projeção de 1,3% para 2,3%.

Além do mercado de trabalho mais resiliente — com a geração, no conjunto da economia brasileira, de um milhão de novos empregos com carteira assinada até maio —, a CBIC aponta, entre as razões para a nova projeção, as novas estimativas para o crescimento da economia brasileira no ano. A entidade cita o boletim Focus do Banco Central, em que a expectativa passou de 1,85% no final de março de 2024 para 2,15%.

Além disso, a instituição destaca “o incremento mais forte do financiamento imobiliário com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e as expectativas mais positivas dos empresários da construção (verificadas na Sondagem Indústria da Construção de julho, aqui detalhada) para novos lançamentos imobiliários, para maior geração de emprego e para compra de insumos”.

“Quanto maior for o mercado nacional, melhoram as expectativas para novas aquisições de casas próprias, porque o trabalhador precisa de estabilidade para fazer o seu financiamento imobiliário. Da mesma forma, a boa perspectiva econômica e a previsibilidade das condições de investimento



Quanto maior for o mercado nacional, melhoram as expectativas para novas aquisições de casas próprias, porque o trabalhador precisa de estabilidade para fazer o seu financiamento imobiliário.”

Renato Correia,
presidente da CBIC

permitem ao empresário planejar e assumir riscos”, definiu o presidente da CBIC, Renato Correia.

Emprego

Ao fazer o balanço do setor no primeiro semestre, a economista da CBIC Ieda Vasconcelos comentou que a geração de empregos nos primeiros cinco meses é a maior dos últimos 12 anos. “Somente de janeiro a maio de 2012 nós tivemos um número maior do que esse”, destacou. Naquele ano, foram gerados, no mesmo período, 215 mil novos empregos, ultrapassando a marca dos 3 milhões de empregados.

Os números mostram ainda que a geração de empregos retorna o ritmo do período da pandemia de covid-19. “O número foi superior a 13% em 2021. Naquele ano, com esse crescimento forte, foram gerados, de janeiro a maio,

158.986 novos postos de trabalho no setor. Agora, esse número ultrapassa 159 mil”, afirmou. “Se continuar com esse desempenho positivo no ano, poderemos atingir a marca de 3 milhões de pessoas empregadas no setor em breve”, completou.

Os dados mostram ainda que a construção de edifícios foi responsável por 42,5% do total de vagas geradas de janeiro a maio, o que o presidente da CBIC, Renato Correia, atribuiu às alterações feitas para incrementar o programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), a partir do ano passado. Já os serviços especializados responderam por 32,9% das vagas, enquanto o segmento de obras de infraestrutura contribuiu com 24,6%.

“Todos os três segmentos da construção continuam positivos para a geração de novos empregos, o que fortalece muito o mercado formal de empregos no país. Atualmente, a

construção responde por 6,2% do total de trabalhadores empregados, e por 14,6% das novas vagas geradas neste ano”, disse Ieda Vasconcelos.

A economista da CBIC observou ainda que 45% das novas vagas foram ocupadas por pessoas com 18 a 29 anos, um sinal de que a indústria da construção tem atraído pessoas mais jovens. “O setor funciona como uma entrada para o mercado de trabalho”, disse ela.

O salário médio de admissão na construção foi de R\$ 2.290 por mês, patamar acima da média nacional, que é de R\$ 2.132. “É um setor que emprega rapidamente, com salário interessante e com duração de médio a longo prazo em virtude do andamento das obras”, destacou o presidente da CBIC.

Financiamento

Outro destaque citado pela economista foi “o forte crescimento imobiliário com os

recursos do FGTS”. De janeiro a junho, 310,7 mil unidades foram financiadas pelo FGTS. O volume é superior às contratações feitas por meio do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), que financiou a construção de 247,7 mil unidades. “O interessante seria que os dois crescessem na mesma proporção, o que, infelizmente, não aconteceu”, comentou a economista.

Do total de 310.729 unidades financiadas no 1º semestre, 68,07% foram imóveis novos (211.499) e 31,93% (99.230) foram de imóveis usados, segundo a CBIC. “Esse é um ponto que a gente tem comentado ao longo do ano. O FGTS deve ser aplicado majoritariamente nos imóveis novos pela geração de emprego que promovem e pelo desembolso mais gradual que se faz durante a produção dos empreendimentos. Pelo contrário, à medida em que você pega um recurso do FGTS e financia o imóvel usado, você tem um saque imediato, porque o imóvel já está pronto, e você tem uma geração de emprego menor, quase ínfima, que vai alimentar menos o FGTS do que um novo. Então, a gente tem pedido para que seja revista essa métrica, para que a gente possa gerar mais emprego e ter um FGTS mais sustentável”, lembrou Correia.

Selic

De acordo com o diretor de incorporações da Sindona Inc, Marlon Vilasboas, esse crescimento se dá principalmente pela questão da readequação da taxa de juros. “Essa redução que nós tivemos na Selic permitiu que as pessoas pudessem consumir mais. Somos um país onde relativamente 70% da nossa renda é enquadrada como classe média baixa. São pessoas que precisam ter uma taxa de juros mais equacionada para que elas possam consumir, para que elas possam ter acesso às coisas. Então, acredito que o primeiro impacto vem disso”, afirmou.

Mão de obra não qualificada preocupa

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Empresários se queixam da falta de profissionais bem preparados

» RAPHAEL PATI

No segundo trimestre deste ano, empresários do ramo de indústrias de construção passaram a conviver com o problema de falta de mão de obra qualificada em escala ainda maior. De acordo com dados levantados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), na pesquisa Sondagem Indústria da Construção, 24,7% deste grupo afirmou estar mais preocupado com essa situação durante o período. A nível de comparação, apenas 14,9% tinham destacado a dificuldade com funcionários menos qualificados na pesquisa anterior.

O levantamento trimestral tem o objetivo de elencar as principais dificuldades dos empresários do setor. No primeiro

trimestre do ano, a mão de obra qualificada havia sido apenas o sétimo maior desafio para a indústria de construção, enquanto que, neste último período, passou para a segunda colocação. A liderança se manteve com a elevada carga tributária, que foi citada por 28,3% dos que responderam à sondagem.

“É possível notar que os jovens não têm se sentido muito atraídos por ingressar nessa profissão. Então, a idade média dos empregados da indústria da construção está mais elevada, e isso vem ocorrendo concomitante a uma falta de entrada de novas pessoas, principalmente os jovens”, avalia a economista da CNI, Paula Verlangueiro. Na sequência, a taxa de juros elevada (24,0%), a burocracia

excessiva (20,1%) e a falta ou alto custo de trabalhador qualificado completam o top 5.

“Esses elementos, provavelmente, contribuíram para uma piora das condições financeiras, que também é um indicador trimestral. A gente nota uma piora na questão do acesso ao crédito, mas com relação aos indicadores que medem lucro operacional e situação financeira, como um todo, esses indicadores sofreram uma melhora relativa. Eles continuam indicando insatisfação, mas uma insatisfação menos intensa, na comparação com o último trimestre”, acrescenta a especialista.

A percepção de preços mais elevados de insumos e matérias-primas de materiais de construção também foi mais alta durante o

período. O índice que mede este senso subiu de 58,6 para 61,8 pontos no segundo trimestre de 2023. Além disso, a insatisfação com a margem de lucro operacional e a situação financeira subiram neste meio tempo, apesar de ainda figurar abaixo da linha de 50 pontos.

Em junho, o índice do nível de atividade industrial avançou apenas 2 pontos, e passou de 47,9 pontos para 49,9 pontos. “(Isso) não é comum para o período. Normalmente, para este período do ano, a atividade mostra uma queda, e nesse período se mostrou inalterada, então ficou estável”, analisa Verlangueiro.

Nesta pesquisa, a confederação ouviu 338 empresas de pequeno e médio porte entre 1º e 9 de julho.